

## O Instituto Bahá'í de Educação Superior

Desde a revolução iraniana de 1979, centenas de estudantes bahá'ís que haviam ingressado em universidades no Irã foram expulsos. Milhares de outros foram impedidos até mesmo de se matricular. A razão de suas expulsões ou não admissões foi meramente o fato de serem membros da Fé Bahá'í.

Para prover algum meio de educar seus jovens, a comunidade bahá'í estabeleceu seu próprio programa de educação superior – o Instituto Bahá'í de Educação Superior – para satisfazer as necessidades educacionais de tantos de seus jovens quanto os recursos permitissem.

No caso das sete lideranças bahá'ís, diversas perguntas foram feitas a respeito da existência do Instituto Bahá'í de Educação Superior (IBES). Um dos réus, a Sra, Mahvash Sabet, era professora e diretora de escola que foi demitida da educação pública após a revolução iraniana de 1979 por ser bahá'í. Durante 15 anos, antes de ser detida, ela foi diretora do IBES.

A Sra. Fariba Kamalabadi foi impedida de estudar numa universidade pública porque ela é bahá'í. Já com mais de 30 anos de idade, ela começou um período de estudo de oito anos e finalmente recebeu um diploma avançado do IBES. O Sr. Vahid Tizfahm estudou sociologia no Instituto Bahá'í de Estudos Avançados, filiado ao IBES.

Naquilo que o *New York Times* denominou “um elaborado ato de auto-preservação”, a comunidade bahá'í estabeleceu seu próprio programa de educação superior em 1987. Com o passar dos anos, o programa evoluiu para uma universidade completa que, em sua plenitude, tinha 900 estudantes matriculados, um corpo docente de mais de 150 professores e instrutores de primeira ordem e cursos completos em dez diferentes áreas.

Devido à contínua ameaça de perseguição, o IBES foi forçado a funcionar de modo altamente cauteloso e descentralizado. A maioria de suas aulas eram realizadas em casas particulares por todo o Irã, e sua pequena infraestrutura permanente era composta de um punhado de salas de aula e laboratórios alugados espalhados pela capital.

Então, num ato que diz muito a respeito da verdadeira atitude do governo iraniano em relação aos bahá'ís, em setembro de 1998 centenas de agentes do governo espalharam-se por todo o país, detendo cerca de 36 docentes e funcionários do IBES, realizando buscas em cerca de 500 casas, e confiscando livros, equipamentos e gravações no valor de centenas de milhares de dólares, num esforço ostensivo para fechar a universidade.

“Os materiais confiscados não eram nem políticos nem religiosos, e as pessoas detidas não eram manifestantes nem organizadores”, disse o *New York Times* no artigo de 29 de outubro de 1998 sobre o ataque. “Eram palestrantes em matérias como contabilidade e odontologia; os materiais confiscados eram livros didáticos e equipamentos de laboratório.”

O ensino era feito principalmente por correspondência ou, para cursos científicos e técnicos especializados e outros casos especiais, em aulas para pequenos grupos que eram geralmente realizadas em casas particulares.

“No início, os estudantes não sabiam sequer os nomes de seus professores”, disse um professor do IBES que pediu para permanecer anônimo por temer por sua segurança e a de seus familiares no Irã. “Mesmo depois de três ou quatro anos, os estudantes não sabiam os nomes de seus professores. Nunca os haviam visto. Pois era muito perigoso. Se alguém souber seus nomes, talvez diga a seus amigos. Portanto, no início deste plano era tudo por correspondência”.

Com o tempo, no entanto, o Instituto pôde estabelecer alguns laboratórios, que funcionavam em prédios comerciais particulares em Teerã e arredores para os cursos de ciência da computação, física, odontologia, farmacologia, química aplicada e estudo de idiomas. O funcionamento desses laboratórios era prudentemente mantido em silêncio, e os estudantes eram advertidos a não entrar e sair em grandes grupos que pudessem dar à autoridades motivo para objeção.

Entre os docentes havia cerca de 25 ou 30 professores que haviam sido demitidos das universidades estatais após a revolução islâmica de 1979. Outros eram médicos, dentistas, advogados e engenheiros. A maioria havia sido educada no Irã, mas muitos eram graduados em universidades do ocidente como o Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), a Universidade de Columbia, a Universidade da Califórnia em Berkeley, e a Sorbonne. Nenhum dos docentes bahá'ís era remunerado pelo seu tempo; todos trabalhavam como voluntários.

“Estes jovens são pessoas muito preciosas”, disse um docente, explicando por quê eles se dispunham a correr tamanho risco, sem remuneração, para estabelecer o Instituto. “Nós todos nos preocupamos com eles. Eles passaram por testes e provações e não tinham esperança. Foram privados de muitas coisas, então se havia alguma chance de lhes darmos algo melhor, nós o fizemos.”